

A *Revista de Estudios Sociales (RES)* da Universidad de los Andes (Colômbia) convida a comunidade acadêmica a submeter artigos para sua edição especial:
“Metodologias colaborativas e produção de conhecimento”

Editores convidados:

Ana María Forero Angel e Juan Ricardo Aparicio (Universidad de los Andes, Colômbia)
María Fernanda Olarte-Sierra (Universität Wien, Áustria)

**Os artigos devem ser enviados entre
1º a 28 de fevereiro de 2026**

Serão aceitos textos em **inglês, espanhol e português**, que devem cumprir com as [regras editoriais e com as instruções para autores](#) da *RES*.

Todos os artigos devem ser enviados pela plataforma:
<https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/about/submissions>

Apresentação

Nos últimos anos, assistimos a um aumento expressivo no uso de metodologias colaborativas nas ciências sociais e humanas. Isso se deve às diversas mudanças (representação/escrita, pós-coloniais e decoloniais, afetivas, ontológicas, entre outras) que impactaram um campo que se considerava seguro de sua prática, bem como a conjunturas específicas que questionaram a economia política do conhecimento acadêmico. As metodologias colaborativas — muitas das quais estão enraizadas em práticas feministas e decoloniais — abandonam abertamente a pretensão de representar o outro (Mendia Azkue *et al.* 2014; Martínez Espínola 2024). Ou seja, evitam definir como o outro é ou falar por ele. Nessas metodologias, parte-se do pressuposto de que a produção de conhecimento não é privilégio exclusivo do conhecimento hegemônico da academia, mas que aqueles que participam da pesquisa como interlocutores (ou mesmo copesquisadores) são também produtores de conhecimento válido e relevante (Aparicio e Blaser 2008; Caicedo 2018a e 2018b; Quintana, Jaramillo e Caicedo 2022).

Essa virada metodológica abre um leque de possibilidades que vão além dos modelos acadêmicos convencionais (Montezemolo 2003). Temos visto o conhecimento circular na forma de artigos assinados coletivamente por todos os participantes da pesquisa, bem como documentos de trabalho e processos de cocriação de projetos e ferramentas metodológicas que não se limitam a formatos escritos para o campo acadêmico (Forero Angel 2025). Nesses formatos, também há escritas posicionadas e experimentais que manifestam seu lugar de enunciação, sua geopolítica do conhecimento e seu compromisso com a construção de futuros menos injustos, menos racistas, menos classistas e menos desiguais (Castro-Gómez, Lander e Mignolo 2014; Castañeda Salgado *et al.* 2019).

O trabalho colaborativo também reconhece que a produção de conhecimento não pode permanecer impermeável a diferentes disciplinas. Dessa forma, o colaborativo se materializa no abandono do pesquisador como entidade “superpartes” (supostamente neutra ou imparcial). Assim, ele é reconhecido como um construtor de relações e produtos em composições que envolvem atores humanos e não humanos e que oscilam entre diferentes estilos e formatos. Basta olhar para propostas como Etno-Graphic, PositiveNegatives, o romance gráfico *Ortiz* (Forero Angel 2025), *Caminos condenados* (Ojeda *et al.* 2016) ou *El antagonista: una historia de contrabando y color* (Laurent, Egea e Vega 2013), ou ainda o projeto *Forensic Tales: Embodied Peace and Violence in Colombian (Post) Armed Conflict* (Olarte-Sierra *et al.* 2023). A colaboração implica questionar os papéis usuais de quem participa da pesquisa, buscando parcerias disciplinares e criando formas de produção diferentes dos artigos acadêmicos tradicionais como meios que garantem a circulação do conhecimento, em espaços que beneficiam e são valiosos para os participantes. Requer até mesmo reconhecer quem são os sujeitos e quais são as emoções, os afetos e os mundos com os quais interagimos.

No entanto, existe o risco de criar atalhos ou cair em uma armadilha: muitas vezes, podem ser reproduzidas categorias tradicionais e linguagens incompreensíveis que acabam mais uma vez deixando de fora os sujeitos com os quais a pesquisa é feita novamente. Ou abandona-se qualquer possibilidade de diálogo que não busque tanto achatar as diferenças, mas apostar em novas plataformas onde o comum ainda seja possível, sempre sem garantias, em um mundo em ruínas. A colaboração varia de acordo com os sujeitos com os quais se trabalha: não é a mesma coisa fazê-lo com sujeitos subalternizados e com sujeitos de poder, e essas diferenças trazem consigo desafios metodológicos e éticos específicos que devem ser abordados criticamente.

No Sul global, há uma tradição de pesquisa-ação participativa que impactou as antropologias latino-americanas e recusou uma posição de neutralidade para pensar e propor outras metodologias de pesquisa em conjunturas políticas particulares. Como negociar as assimetrias inerentes a essas relações? Como a colaboração pode transformar estruturas anteriormente hierárquicas? Ainda faz sentido pensar em uma fronteira entre ativismo e pesquisa? O que significa pensar e escrever, junto com emoções e afetos, etnografias que “partem o coração” (Behar 1997)? Essa dinâmica desafia as fronteiras entre pesquisa e ação, bem como as hierarquias estabelecidas na geração de conhecimento.

É fundamental reconhecer que nem questões de pesquisa nem metodologias colaborativas existem no vácuo. Estas surgem em geopolíticas específicas e respondem a contextos particulares. Muitas delas começaram a trabalhar com grupos de poder, com o Estado e com instituições que tradicionalmente foram objeto de estudo, mas que agora se tornam coprodutoras de conhecimento. O estudo do poder, do Estado

e das instituições a partir de dentro é um fenômeno que impõe questões fundamentais à metodologia colaborativa (Aparicio Cuervo e Fernández Pinto 2022; Martínez-Moreno e Forero Angel 2024). Da mesma forma, a construção de uma questão de pesquisa envolve a escolha de estratégias metodológicas. Ambas devem levar a preocupações éticas que não podem e não devem se limitar à obtenção do consentimento informado. A colaboração exige um compromisso ético que transcenda o normativo, abrindo espaços para a reflexão sobre o impacto da pesquisa nos próprios participantes e nos contextos em que ela se desenvolve, e formulando perguntas sobre o que significa conhecer o poder a partir de dentro (Ortner 2016).

Convidamos pesquisadores e pesquisadoras a submeterem contribuições que explorem, questionem e experimentem metodologias colaborativas em suas diversas formas. Aceitamos artigos teóricos e de estudo de caso que:

- expliquem criticamente a necessidade de metodologias colaborativas;
- questionem e enfatizem as complexidades éticas e políticas que existem na escolha de metodologias colaborativas; e
- se posicionem de maneira crítica diante das metodologias colaborativas.

Em caso de dúvidas sobre estes ou outros temas, entre em contato com um(a) dos(as) editores(as) convidados(as): Ana María Forero Angel (am.forero260@uniandes.edu.co), Juan Ricardo Aparicio (japarici@uniandes.edu.co) ou María Fernanda Olarte-Sierra (mafe.olarte-sierra@univie.ac.at).

Referências

1. Aparicio, Juan Ricardo e Mario Blaser. 2008. "The 'Lettered City' and the Insurrection of Subjugated Knowledges". *Anthropological Quarterly* 81 (1): 59-94. <https://doi.org/10.1353/anq.2008.0000>
2. Aparicio Cuervo, Juan Ricardo e Manuela Fernández Pinto, eds. 2022. *Neoliberalismo en Colombia: contextos, complejidad y política pública*. Bogotá: Ediciones Uniandes.
3. Behar, Ruth. 1997. *The Vulnerable Observer: Anthropology that Breaks Your Heart*. Boston: Beacon Press.
4. Caicedo, Alhena, comp. 2018a. *Plan del buen vivir de Las Brisas: Consejo Comunitario de Las Brisas, Suárez, Cauca, Centro de Pensamiento Latinoamericano RaizAL*. Bogotá: Ediciones Uniandes.
5. Caicedo, Alhena, comp. 2018b. *Plan del buen vivir de Pureto: Consejo Comunitario de Pureto, Suárez, Cauca*. Bogotá: Ediciones Uniandes.
6. Castañeda Salgado, Martha Patricia, Emagin, Itziar Mujika Chao, Tania Martínez Portugal, Olatz Dañobeitia Ceballos, Irene Cardona Curcó, Diana Marcela Gómez Correal, Marta Luxán Serrano, Matxalen Legarreta Iza, Rocío Medina Martín e David Beorlegui Zarranz. 2019. *Otras formas de (des)aprender: investigación feminista en tiempos de violencia, resistencias y decolonialidad*. Donostia, San Sebastián: Hegoa; Universidad del País Vasco.
7. Castro-Gómez, Santiago, Edgardo Lander e Walter Mignolo. 2014. *Des/decolonizar la universidad*. Buenos Aires: Del Signo.
8. Ethno-Graphic. <https://ethno-graphic.org/>
9. Forero Angel, Ana María. 2025. *Ortiz*. Bogotá: Ediciones Uniandes.
10. Laurent, Muriel, Rubén Egea e Alberto Vega. 2013. *El antagonista: una historia de contrabando y color*. Bogotá: Ediciones Uniandes.
11. Martínez Espínola, María Victoria. 2024. "Etnografías feministas en América Latina: contribuciones para un estado de la cuestión". *Revista CoPaLa: Construyendo Paz Latinoamericana* 9 (20). <https://doi.org/10.35600/25008870.2024.20.0331>
12. Martínez-Moreno, Marco Julián e Ana María Forero Angel. 2024. Introdução ao dossiê "Broadening the Horizons of Anthropological Understanding: Ethnographies with 'Uncomfortable Otherness'". *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology* 21. <https://doi.org/10.1590/1809-43412024v21e211001>
13. Mendia Azkue, Irantzu, Marta Luxán, Matxalen Legarreta, Gloria Guzmán, Iker Zirion e Jokin Azpiazu Carballo, eds. 2014. *Otras formas de (re)conocer: reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista*. Donostia, San Sebastián: Universidad del País Vasco.
14. Montezemolo, Fiamma. 2003. "Conversando con Renato Rosaldo". *Revista de Antropología Social* 12: 321-345. <https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/RASO0303110321A>
15. Ojeda, Diana, Pablo Guerra, Camilo Aguirre e Henry Díaz. 2016. *Caminos condenados*. Bogotá: Laguna Libros.
16. Olarte-Sierra, María Fernanda, Gina Urazan Razzini, David Garcés e Sergio Rodríguez Vitta. 2023. "Forensic Tales: Embodied Peace and Violence in Colombian (Post) Armed Conflict". *Trajectoria: Anthropology, Museums and Art* 4. https://doi.org/10.51002/trajectoria_023_01
17. Orner, Sherry B. 2016. "Dark Anthropology and Its Others: Theory since the Eighties". *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 6 (1): 47-73. <https://doi.org/10.14318/hau6.1.004>
18. PositiveNegatives. <https://positivenegatives.org/>
19. Quintana, Laura, Pablo Jaramillo e Alhena Caicedo. 2022. "What's Up with Methodology?: Faults, Experimentations, and Affective Displacements in the Reinventions of the Common". *Cultural Studies* 36 (4): 644-667. <https://doi.org/10.1080/09502386.2020.1863996>